

TRIPP, Tedd. **Pastoreando o coração da criança**. Fiel, 1998. 228p. Resumido por J LHack em junho/2001. [Excelente conteúdo apresentado de forma prática e direta. Essencial para pais cristãos, pois enfoca o ensino dos princípios bíblicos e da correção das atitudes do coração das crianças.]

Introdução

A autoridade hoje não é mais culturalmente aceitável. Os filhos não reagem mais como deveriam aos velhos métodos de criação. Mas a igreja tem falhado com seus filhos por não seguir os métodos bíblicos. A Palavra fala sobre a autoridade dos pais, que devem ser agentes de Deus para orientar os filhos segundo o padrão de Deus. O pai precisa pastorear o filho, através da avaliação deste e de suas reações, ajudando-o a entender a si mesmo e ao mundo em que vive. O objetivo de um pai sábio é demonstrar o frescor e a vitalidade de uma vida dedicada a Deus. É preciso direcionar não apenas o comportamento, mas as atitudes dos corações dos filhos, mostrando o “porquê” de seus pecados e fracassos. A lei de Deus nos aponta nosso pecado e nos ensina sobre nossa necessidade da graça de Deus. Os filhos precisam internalizar esta mensagem do Evangelho e decidir se a seguirão ou não.

Parte 1: Fundamentos

1. Comportamento

O coração é o centro de controle da vida (Pv 4.23). O que você diz e faz expressa a orientação do seu coração (Mc 7.21-22; Lc 6.45). A questão básica, portanto, não é o comportamento, mas o que está acontecendo no coração. Mudança de comportamento que não se origina em mudança no coração é condenável, pois é hipocrisia. Quando há dois filhos brigando por um brinquedo, perguntar quem pegou primeiro é apenas uma questão de justiça. Se olharmos o coração, temos dois ofensores que estão sendo egoístas e quebrando a lei do amor. É preciso ajudá-los a ver que estão tentando saciar sua sede com coisas que não satisfazem, levando-os a Cristo.

2. Influências

Seu filho é produto de duas coisas: sua experiência de vida e como ele interage com esta experiência. As influências formativas são: a estrutura da vida familiar, os valores familiares (regras faladas e não faladas), papéis desempenhados, resolução de conflitos, reação ao fracasso, história familiar. Não se pode considerar estas influências como deterministas, nem negar seu papel formativo. Boas influências não produzem automaticamente bons filhos, pois eles são responsáveis pelo modo como reagem à sua criação.

3. Orientação

Cada ser humano é essencialmente religioso; ninguém é neutro: ou adoram ao Senhor ou aos ídolos. Conforme Rm 1, seus filhos reagem a Deus pela fé (submetendo-se ao Criador) ou suprimem a verdade pela injustiça (adorando e servindo a criação), mesmo não estando plenamente conscientes destas escolhas (Sl 58.3; 51.5). Seu coração já nasce com propensão ao erro e a adorar a si mesmo, mesmo que isto não seja articulado em palavras. A questão para os pais não é se a criança vai adorar a Deus, mas “a quem ela irá adorar?”. Trata-se de pastorear o coração da criança e levá-la à adoração ao Senhor. Egoísmo e rebelião contra a autoridade não são fases passageiras; não refletem imaturidade e sim a idolatria no coração. José e a serva de Naamã demonstram que reações conforme o padrão de Deus e influências formativas moldam o caráter de uma pessoa.

4. Comando

Há muita confusão sobre autoridade hoje. Os pais têm autoridade sobre os filhos para exercer comando sob supervisão de Deus; não para moldar seus filhos como lhes agrada e sim como agrada a Deus (Gn 18.19). O objetivo é o treinamento do Senhor (Dt 6; Ef 6). Pais e filhos estão sob a autoridade de Deus, mas com funções diferentes. Não disciplinamos os filhos por detestar inso-

lência ou por raiva, mas porque Deus nos designou esta tarefa e a executamos em obediência a ele. Recebemos um mandato para agir como representantes de Deus, mas muitos pais agem apenas como conselheiros, ensinando à criança que ela é quem decide, e assim acabam desistindo de tomar decisões na vida dos filhos. Os pais precisam comandar de modo firme e gracioso.

Deus nos chamou a uma tarefa maior do que apenas cuidar dos filhos: é a tarefa intensiva de pastoreá-los, levando-os a viver conforme a perspectiva bíblica. É preciso conhecer seus pontos fortes e fracos e ter objetivos claros de treinamento para corrigir as atitudes do coração. Isto significa ensiná-los que são pecadores por natureza e que precisam da misericórdia de Deus. Entender esta tarefa como mandato de Deus nos torna mais sóbrios e humildes. Não há lugar para nossa ira, pois ela não produz a justiça de Deus (Tg 1.19-20). Nossa tarefa é demonstrar a censura de Deus contra o pecado. A disciplina não é punitiva, para se vingar; é corretiva, tem função restauradora. Não é por interesse próprio ou conveniência pessoal, mas para desenvolvimento do caráter e da honra a Deus.

5-6. Propósitos

Em geral os pais desejam que seus filhos tenham sucesso e sejam felizes. Usam os seguintes métodos para isso: desenvolver habilidades (esportes, arte, línguas), ajustamento psicológico (auto-estima, manipulação dos outros), salvação e culto doméstico, bom comportamento (etiqueta), boa educação (conhecimentos), controle rigoroso. Nosso objetivo precisa ser o de levá-los a glorificar a Deus em suas vidas, usando cada circunstância para expor a visão bíblica diante deles. Com objetivos não bíblicos, os ensinaremos a viver apenas para si mesmos. Por exemplo, que conselho você dá quando seu filho se defronta com crianças agressivas na escola? Alguns ensinam a revidar, outros a ignorar o ofensor. Mas a Palavra ensina a amar os inimigos e confiar na proteção do Senhor, que toma a vingança para si (Rm 12.19-20). Todos estes métodos podem ser “aproveitados” se colocados sob a perspectiva do ensino bíblico.

7. Métodos não bíblicos

Os mais comuns são: imitação do método dos avós (porque acham que funcionou), psicologia popular (suborno, contrato), reforço (recompensa pelo certo), apelo emocional (medo, vergonha, culpa), correção punitiva (castigos, ira), ecletismo (um pouco de tudo, sem coerência). Esta educação superficial nunca aborda o coração biblicamente, apenas o comportamento. Ela não permite expor a necessidade da cruz de Cristo, nem leva à formação do caráter.

8. Métodos bíblicos

A Palavra aponta dois métodos complementares: boa comunicação e a vara (Pv 23.13-19, 22,26). Comunicação não é falar **AOS** filhos, e sim **COM** eles (diálogo e não monólogo, Pv 18.2). É saber ouvir (Pv 18.13), é aprender a entender seu filho e ajudá-lo a articular seus pensamentos e sentimentos. Isto é essencial na correção: entender o que está acontecendo dentro dele (o “porquê” foi feito e não “o quê”). Precisamos de sabedoria para isto (Pv 20.5), para aplicar corretamente o Evangelho ao coração. As perguntas devem ser bem formuladas – evitar o “por que fez isto?” e fazer perguntas mais concretas (“o que estava sentindo?”, “o que o outro fez?”, “como você poderia ter reagido?”). Examine com seu filho a natureza da tentação, as possíveis reações de uma pessoa e quais foram as reações dele. Estamos nesta tarefa tanto ao lado (como pecadores) quanto acima (como agentes de Deus) dos filhos, por isso devemos desempenhar esta tarefa com humildade de coração.

9. Tipos de comunicação

Geralmente reduzimos a criação dos filhos a regras, correção e disciplina. A comunicação precisa ser multiforme e rica em expressões. Deve envolver: a) encorajamento (há momentos em que a criança sabe que está errada e precisa ser ajudada a confiar em Deus que transformará seu caráter); b) correção (trazer à conformidade com o padrão divino); c) repreensão (censura do com-

portamento errado); d) apelo (rogar para agir com sabedoria); e) instrução (informação para entender a vida); f) aviso (alerta para perigos e consequências); g) ensino (partilhar conhecimento); h) oração (entender o que e como oram seus filhos é uma janela para suas almas).

10. Vida de comunicação

Um hábito regular de conversação juntos prepara o caminho para a conversa em situações de pressão. Conversa profunda e perspicaz tem alto custo, pois leva tempo. Pais sábios aproveitam as oportunidades quando as crianças estão dispostas a falar. O melhor treinamento para seus filhos serem ouvintes atentos é largar tudo e ouvi-los ativamente. Ouvir não é o que se faz entre as chances de falar. Pare e pense no que ouviu e também no que não ouviu. A comunicação exige disposição física e resistência mental para manter o pensamento em foco – às vezes os pais perdem boas oportunidades devido ao cansaço. É necessário deixar os filhos ver o vínculo entre Deus e você (arrependimento, conforto, gratidão).

A comunicação é o contexto para uma crescente unidade com seus filhos. Na adolescência os filhos buscam companheirismo com quem os compreendem; não deveriam ter que sair de casa para isso. À medida que a idade da criança aumenta, nosso comando (imposição pela força da autoridade) sobre ela decresce e aumenta a nossa influência (disposição do filho em confiar em nós). O lar deve ser o local onde a habilidade de se comunicar é desenvolvida (articular pensamentos e entender os outros, interessar-se com o que aconteceu e por quê).

11. A vara

As crianças não nascem moral e eticamente neutras. Não precisam apenas de instrução, mas também de disciplina (Pv 22.15), que afasta a insensatez de seu coração. A criança resiste ao governo e a vara a tornará dócil. Quando se recusa a estar sob autoridade, a criança está em grande perigo (Pv 23.14), por isso a vara não é uma expressão de ira contra o pecado e sim de resgate da morte (que vem pela rebelião), usando o remédio providenciado por Deus. A vara traz sabedoria à criança (Pv 29.15,17), tornando-a humilde e sujeita à instrução (Hb 12.11).

É usada pelos pais (e não por qualquer adulto), em obediência à Palavra, em amor aos filhos, assumindo o que Deus chamou a fazer, em uso controlado, não para externar ira ou frustração dos pais. Os pais não têm o direito de bater nos filhos quando desejam, nem como retribuição aos seus erros. A correção não é punitiva e sim restauradora.

Objecções contra a vara e resposta bíblica: a) amar os filhos (Pv 13.24); b) medo de machucar (Pv 23.13-14); c) medo de levar à rebeldia (Pv 29.17); d) não funciona (só o uso inconsistente ou com ira gera fracasso); e) ser acusado de abuso (uso de local privativo). A vara gera benefícios: a) ensina as consequências do comportamento; b) mostra a autoridade dos pais; c) treina a submissão às autoridades; d) demonstra o amor e compromisso dos pais; e) produz paz e justiça; f) traz a criança de volta ao lugar de bênção; g) produz aproximação e franqueza entre pai e filho. A vara e a comunicação não são métodos isolados, funcionam juntos.

12. Apelo

A disciplina deve impactar a consciência de seu filho (Pv 23.17,19,22-23,26). Jesus apelava ao senso de certo e errado dos fariseus. O foco central é conduzir os filhos a uma sóbria avaliação de si mesmos como pecadores, para que entendam a misericórdia divina manifesta em Cristo. A disciplina deve expor a incapacidade deles de se adequarem ao padrão de Deus (amar seus irmãos, buscar o interesse do outro), levando-os a depender do perdão e do poder de Jesus. A alternativa de reduzir o padrão os torna autossuficientes para cumprirem a lei.

13. Resumo

Parte 2: Fases da infância

14. Pré-escola – objetivos

No período de 0 a 5 anos ocorrem mudanças físicas, sociais, intelectuais e espirituais. A lição a ser enfatizada é que a criança é uma pessoa sob autoridade, feita por Deus para obedecê-lo em tudo. O texto principal é Ef 6.1-3. A obediência é a resposta da criança à autoridade de Deus. Submissão aos pais significa honrar e obedecer. Dentro deste círculo (submissão) há a promessa de ir bem e ter vida longa. Os filhos devem obedecer, pois, para seu próprio bem. A função da disciplina é de resgatar seu filho do perigo de rebelião para dentro do círculo de segurança.

A) Honra: significa tratar os pais com respeito e estima por causa de sua autoridade. O filho precisa ser treinado em honrar e os pais devem se mostrar respeitáveis. Isto transparece na forma como os filhos falam com seus pais (não devem ser imperativos ou tratar os pais como seus amiguinhos, mas sim de forma respeitosa). Os pais não devem gritar com seus filhos nem sofrer indignidade, mas devem também tratar os filhos com respeito e cortesia (princípio de semear e colher).

B) Obediência: é a submissão voluntária à autoridade de outro. É fazer o que lhe mandam SEM desafio, desculpas ou demora. Implica em fazer algo que não queremos. Obedecer quando faz sentido não é submissão, é acordo. Os pais precisam ser consistentes nas regras e perseverar até a lição ser aprendida. Orientações claras e reforço são essenciais. A desobediência não é uma questão entre pai e filho, por isto não pode ser ignorada. É entre o filho e Deus.

C) Apelo: uma vez bem praticada a submissão, pode-se ensinar aos filhos como apelar respeitosamente à autoridade. Não é um modo de desobedecer. É uma segurança contra caprichos paternos e propicia chance de reconsiderar ordens. A criança deve estar pronta a obedecer imediatamente e deve aceitar o resultado do apelo graciosamente. Aprender a estar sob autoridade traz ricas bênçãos aos filhos: são mais aptos a compreender o Evangelho (seu poder e graça), são estimados pelos amigos e professores, aprendem a viver por princípios e não por sentimentos ou impulsos, buscam não confiar em si mesmos quanto ao certo e errado (adotando um referencial externo), aprendem que o comportamento tem implicações morais e resultados inevitáveis.

15. Pré-escola – procedimentos

A disciplina precisa ser consistente para produzir fruto. A criança não dá o devido valor a palavras, por isso precisa do complemento da vara. Esta deve ser usada sempre que você deu uma ordem que a criança ouviu e tem capacidade de entender, mas não obedeceu sem desafio, desculpas ou demora. Os pais não devem avisar com antecedência nem ficar ameaçando. Os filhos precisam entender que ao falar pela primeira vez, você já falou pela última vez. Qualquer forma de rebeldia (“não”, “por quê”, um olhar) deve ser corrigida.

Como aplicar a vara? com respeito, sem ira, com firmeza e mansidão: a) leve seu filho a um lugar reservado (preservando sua dignidade); b) diga-lhe o que fez ou deixou de fazer (deve haver uma atitude específica ou um incidente a corrigir); c) assegure a compreensão dele quanto ao que fez; d) lembre que a função da vara é resgatá-lo ao lugar de bênção; e) especifique quantas varadas dará (mostrando controle da situação); f) remova roupas grossas e coloque-o em seu colo; g) depois de aplicar a vara, abrace-o e lhe dê um colo, reafirmando seu amor; h) verifique o seu coração e o dele sondando ira ou rebeldia – se errou peça perdão; se a disciplina não produziu fruto pacífico (Hb 12.11), reaplique-a; i) ore com ele buscando o perdão de Cristo. A vara deve ser aplicada porque Deus a ordena como método para afastar a insensatez do coração da criança.

Dúvidas: A) Assim que o filho tem idade suficiente para resistir à sua orientação, deve ser disciplinado; B) Se o filho alega que não ouviu, converse e discipline. C) Quando há coerência na disciplina, a frequência necessária diminui rapidamente. D) Quando estiver irado, mande o filho aguardar e busque a face de Deus, arrependendo-se. E) Quando não estiver em casa, procure um lugar privativo ou espere até chegar em casa (com crianças pequenas pode-se deixar passar algumas

coisas, pois o grosso do ensino será em casa). F) Quando seu filho mente, busque o diálogo, enfatizando os benefícios da integridade. Se a verdade não surgir ainda assim, não o chame de mentiroso. Talvez escape desta vez, mas o seu reconhecimento pela palavra dele traz ganho maior que a perda envolvida na mentira. G) Quando você não tem certeza do que aconteceu (e o seu filho não conta), nada há a fazer. H) Se seus filhos já passaram da pré-escola, sente-se e lhes explique as novas regras, pedindo perdão por seu erro como pai. Aja com paciência, seja coerente e aprenda junto o novo padrão.

16. Fase escolar – objetivos

Entre os 5 e 12 anos, a criança desenvolve rápida independência de escolha e personalidade, passando mais tempo fora da supervisão dos pais. A grande questão agora é o caráter, pois ela deve aprender o que fazer quando você não está perto. Ela precisa de sabedoria bíblica. O foco não é mais o comportamento rebelde (que já deve ter sido tratado antes) e sim o errado (egoísmo, zombaria, etc.). Fazer mais regras é uma solução pobre, pois não dá para fazer regras para toda situação. Além disso, gera hipocrisia pois os filhos aprendem a cumprir regras, tornando-se convencidos e cheios de justiça própria.

A cada seis meses, devemos analisar os filhos e diagnosticar suas necessidades em três dimensões: relacionamento com Deus (como ele se expressa sobre Deus, o que pensa e o que vive neste relacionamento?), consigo mesmo (conhece suas virtudes e fraquezas, sua personalidade, que atitudes tem sobre si?) e com os outros (como interage, o que inspira aos outros? Exige atenção, é agradável, como reage à provocação?). Em cada uma destas áreas devemos listar nossas preocupações, alegrias e objetivos de crescimento.

17. Fase escolar – treinamento

O coração determina o comportamento. Para entender o que seu filho diz ou faz, é preciso entender seu coração. Abordar só o comportamento limita-se aos problemas exteriores. Seu filho precisa de mudança de coração, que começa com a convicção de pecado. Devemos apelar à sua consciência, atingindo a raiz do problema. A controvérsia deixa de ser com você, é sempre com Deus. Temos que levá-los a perceber que são pecadores egoístas que necessitam da graça de Jesus. Para desenvolver seu caráter, devemos ensinar quem Deus é. O caráter de Deus é a base para escolhas sobre como agir e ser. Ensinar a depender de Deus é um processo contínuo, que exige paciência e consistência na prática diária. Seu filho precisa prestar contas e fazer as tarefas que lhe foram confiadas. Devemos ter objetivos de longo prazo que visem o desenvolvimento do seu caráter. Os filhos em idade escolar não devem ficar ouvindo as mesmas antigas ordens, pois precisam crescer em discernimento e em entendimento, preparando-se para a adolescência.

18. Adolescência – objetivos

Da puberdade até a saída do lar, estes anos se caracterizam por monumental insegurança, ansiedade e instabilidade. O adolescente busca se firmar como pessoa independente e muitos expressam isto pela rebeldia. Os objetivos para esta fase são (Pv 1.7-19):

A) O temor do Senhor (vida santa diante de Deus – leia todos os profetas com seus filhos). Em vez de ter temor de homens (a pressão do grupo), leve-o a buscar a aprovação de Deus. Compartilhe suas próprias experiências.

B) Aceitar a instrução dos pais. Os filhos devem permanecer acessíveis à instrução paterna, vivendo dentro dos parâmetros da verdade que já aprendeu. Se os pais têm um relacionamento íntegro com Deus, mostrarão aos filhos a viabilidade da fé cristã. O culto em família é um momento para instrução e discussão do contexto de vida de cada um à luz da Palavra.

C) Afastar-se dos ímpios. O adolescente é seduzido pelo companheirismo, o pertencer a um grupo. O lar deve ser um lugar atraente para eles, pois não fugirão de onde são amados e aceitos incondicionalmente. A família deve planejar atividades em conjunto.

19. Adolescência – treinamento

A internalização do Evangelho é o processo em que seus filhos se apropriam das coisas de Deus como sua própria fé viva. É o Espírito que faz isto neles, mas como pais desejamos vê-los conhecer a Deus profundamente – este é o objetivo de pastorear seus corações. O pastoreio nesta fase é simples extensão dos papéis já desempenhados na vida de seu filho, trabalhando “autoridade” e “caráter”. O momento agora é de exercer influência, fornecendo conselhos proveitosos e amando seu filho.

Todo jovem passa pela dúvida sobre se crê em Jesus por si mesmo ou foi induzido pela família. Enfrente junto com ele seus questionamentos, ajudando-o a encontrar respostas. Seja uma força construtiva na vida de seu filho, sendo estímulo e inspiração, principalmente diante dos fracassos dele. É o momento de desenvolver um relacionamento adulto com ele, aguardando o tempo certo para conversar sobre seus erros. Focalize os temas amplos e não as picuinhas. Permita a discordância no que não confronta a Palavra. O desenvolvimento dele deve continuar, aprendendo a pensar de modo cristão, fazendo amizades com adultos, envolvendo-o com ministérios no Corpo, orientando suas carreiras profissionais, ajudando-o a formar seu lar e a ter um relacionamento maduro com seus pais.